

CLENIR BORDIGNON

**PLANTAS MEDICINAIS E RAÍZES CULTURAIS:
PRÁTICA DIALÓGICA DE SABERES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca do Curso de Especialização em Educação do Campo da Universidade Federal do Paraná. Como requisito parcial para obtenção do grau de especialista.

Prof^a Orientadora: **Adriana Lucinda de Oliveira**

MATINHOS

2011

PLANTAS MEDICINAIS E RAÍZES CULTURAIS: PRÁTICA DIALÓGICA DE SABERES

Clenir Bordignon¹;
Adriana Lucinda de Oliveira²

RESUMO

O conhecimento sobre as formas e os aspectos culturais sob os quais se constituíram os padrões da medicina ocidental, bem como de suas maneiras de atuar no cotidiano da população norteou a elaboração do presente estudo que consiste na reflexão sobre a possibilidade de se produzir um conhecimento alternativo favorável à utilização das plantas e seus benefícios medicinais para o homem/mulher. Neste contexto, o uso terapêutico das plantas torna-se relevante, pois permite estabelecer uma relação com os aspectos culturais da comunidade. Assim, destacamos a importância das terapias complementares, bem como, o reconhecimento e a valorização dos usos de plantas medicinais como: medicamento e/ou como recurso terapêutico.

Palavras-chaves: medicina alternativa, medicamento; plantas medicinais; fitoterápico;

Introdução

Este ensaio é fruto de reflexões a partir de pesquisa bibliográfica e da experiência cotidiana sobre a influência do conhecimento popular no uso de plantas medicinais, considerando-o como um tipo de saber que pode contribuir bem como, esclarecer e estabelecer um diálogo reflexivo com o saber científico. As pesquisas relativas ao uso dos medicamentos fitoterápicos precedem de comprovações experimentais que esclareçam acerca dos riscos e benefícios sob os quais estão expostos àqueles que se utilizam dessa prática medicamentosa. De acordo com Amorozo "a sociedade humana acumula um acervo de informações sobre o

¹ Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo – Projovem Saberes da Terra, Universidade Federal do Paraná - Litoral, e-mail: clenirbordignon@hotmail.com

² Educadora Orientadora, UFPR Litoral, e-mail: adriana17@ufpr.br

ambiente que a cerca, que vai possibilitar-lhe interagir com este, para permitir prover suas necessidades." (1996, p. 47-68)

O uso de plantas medicinais nos remete aos processos de trocas culturais na sociedade, principalmente quando elencamos para o desenvolvimento de um estudo, questões que abrangem o uso de plantas medicinais como prática terapêutica e alternativa aos modos convencionais da medicina oficial. Nessa perspectiva, é importante considerar que

todo sistema terapêutico é parte indissolúvel do repertório cultural de uma sociedade, ou seja, eles são partes integrantes da cultura, sendo influenciados por ela e vice-versa. Assim sendo, de forma paralela ao modelo biomédico, a medicina baseada no saber popular mantém-se viva no cotidiano da população (SIQUEIRA, et al 2006, p. 70).

A utilização de ervas baseadas no conhecimento popular, nos trouxe a necessidade de, a partir da literatura consultada, fazer algumas considerações e apontamentos sobre o uso de plantas medicinais e a transmissão do conhecimento, apontando suas potencialidades enquanto indicação terapêutica.

Antes da industrialização dos medicamentos, as plantas medicinais se constituíam no principal meio terapêutico utilizado pela população para tratamentos. Foi a partir do conhecimento e uso popular das plantas medicinais que alguns medicamentos passaram a ser recorrentes na medicina tradicional. (ARNOUS, SANTOS, BEINNER, 2005, p. 2)

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), "planta medicinal" é toda planta administrada ao homem ou animal, por qualquer via ou forma, que exerça alguma ação terapêutica. O tratamento feito com o uso de plantas medicinais é denominado de fitoterapia, e os fitoterápicos são os medicamentos produzidos a partir dessas plantas (BANDEIRA et al., 2000 Apud. FEITOSA; MACHADO;

RIBEIRO FILHO) Outra definição consiste em considerar fitoterápico³

toda preparação farmacêutica (tinturas, extratos, cápsulas e creme) que utiliza como matéria-prima parte de plantas (como folhas, caules, raízes, flores e sementes) com conhecidos efeitos farmacológicos. O uso adequado dessas preparações traz uma série de benefícios para a saúde humana, ajudando no combate das doenças infecciosas, disfunções metabólicas, doenças alérgicas e traumas diversos entre outros. (GUIMARÃES; et al 2006 apud. XAVIER, 2010)

Os estudos sobre o uso de plantas medicinais fazem emergir a importância da oralidade, do saber popular, da aprendizagem dialógica, bem como enfatiza a necessidade da medicina ocidental moderna recuperar "o social e o cultural como dimensões que moldam inevitavelmente a doença, os tratamentos e a cura." (QUEIROZ, 1986, p. 309)

As modificações dos hábitos e práticas culturais relacionadas à saúde indicam que é preciso respeitar tradições e opiniões do usuário ao se estabelecerem condutas e tratamentos.

Diante da necessidade de novas concepções que respondam às expectativas dos seres humanos, observa-se, juntamente com a falência gradativa do modelo biomédico, positivista e hegemônico, o crescimento e a valorização de uma abordagem humanizada em saúde, relacionada a um paradigma baseado em uma postura mais integradora e holística diante da realidade (SIQUEIRA, et al., 2006, p. 69).

Nessa abordagem humanizada, os debates acerca dos fitoterápicos assumem importância, devido sua eficácia e custo-benefício, fatores que influenciam no uso ou não desses medicamentos. Desse processo decorreu a regulamentação do uso de plantas medicinais pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) –

³ Em trabalhos realizados sobre os usos dos fitoterápicos indicam que "muitos medicamentos colhidos de regiões diferentes, apresentam variabilidade do efeito terapêutico da mesma planta devido à variedade química dos solos (...) E que a composição dos princípios ativos das plantas é variável em decorrência das diferentes condições de cultivo, colheita, secagem, armazenamento e preparo dos fitoterápicos ((FRANÇA; SOUZA; BAPTISTA; BRITTO, 2008, p. 205)

De acordo com a Resolução da Diretoria Colegiada n. 48/2004 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, são considerados fitoterápicos os medicamentos preparados exclusivamente com plantas ou partes de plantas medicinais – raízes, cascas, folhas, flores, frutos ou sementes -, que possuem propriedades reconhecidas de cura, prevenção, diagnóstico ou tratamento sintomático de doenças, validadas em estudos etnofarmacológicos, documentações tecnocientíficas ou ensaios clínicos. (ARNOUS; SANTOS; BEINER, 2005)

As orientações para o uso de plantas medicinais previstas pela ANVISA, abordam questões que levam em consideração como e quando as plantas devem ser utilizadas para que os seus efeitos benéficos possam ser alcançados. As recomendações dizem respeito, apenas as formas de preparo e usos específicos, ficando excluídas da resolução ações farmacológicas e indicações terapêuticas que, embora sejam consideradas relevantes pelo uso tradicional ou subsidiadas por estudos científico exijam formas de preparos não previstas no documento. Outra orientação diz respeito às noções de segurança, sendo que as empresas passam a ter obrigação de notificar assuntos relativos à fabricação, importação e comercialização.

Concomitante a normatização do uso dos fitoterápicos e a valorização de uma abordagem humanizada em saúde, vivenciamos contraditoriamente o crescimento da indústria farmacêutica, os avanços tecnológicos da medicina, o crescimento da especialização na saúde.

Tradição, oralidade e saber

A tradição como parte imprescindível na formação das identidades sociais, indica que os modos de utilização das plantas medicinais são desenvolvidos conforme as singularidades com que ocorreram as trocas culturais (SANTOS, 2000).

A configuração dos saberes e usos de plantas medicinais estão diretamente relacionados aos processos históricos que as comunidades sofreram ao longo do tempo, o que acaba estabelecendo uma noção de invenção ou reinvenção de uma tradição.

A concepção de tradição está ancorada no conceito de "tradição inventada" desenvolvido por Hobsbawn (1984, pp. 9-23), o qual remete à historicidade da tradição e à relação criativa com o passado que estas sociedades estabelecem. [Já] as modernas sociedades ocidentais privilegiam a maneira textual de narrar os acontecimentos e de transmitir os conhecimentos, em muitas comunidades a oralidade permanece como o principal método de transmissão dos saberes e da história. E tudo isso vem gerando desagregação de hábitos, costumes e práticas cotidianas tradicionais. (SANTOS, 2000)

A sociedade vive um processo de valorização dos saberes da medicina tradicional (científica) em relação aos saberes tradicionais, demonstrando assim, que durante o processo de introdução dos preceitos de implementação do processo de modernização e urbanização dos grupos sociais, ocorreu um distanciamento dos conhecimentos transferidos pela oralidade.

Desde a década de cinquenta até finais dos anos 70 do século XX, as plantas medicinais foram aos poucos entrando no esquecimento da população fazendo com que o espaço das drogas sintéticas aumentasse nesse período. A contribuição da farmoquímica foi fundamental para que houvesse uma menor "ocorrência da fitoterapia e a diminuição da prescrição médica de produtos vegetais".⁴

O empirismo empreendido pelas ciências no século XIX fez com que a química experimental sucumbisse os preceitos alquimistas a uma síntese laboratorial de novas substâncias orgânicas, sendo assim, considerado um importante fator da revolução industrial e tecnológica que implicou na produção acelerada de novos medicamentos a partir de derivados puros e concentrados de plantas. No entanto, a

⁴ *Histórico do uso de fitoterápicos.* Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/farmacia/artigos/10055/historico-do-uso-dos-fitoterapicos>>. Acesso dia 20/07/2011.

medicina tradicional tem priorizado as drogas sintéticas e passou a desconsiderar o papel fundamental da fitoterapia como medicina alternativa.

Com a medicina tradicional moderna (científica) modificou-se o cotidiano da população, pelo menos no que diz respeito às práticas de saúde. Recorrer ao tratamento fitoterápico ficou restrito aos usos feitos pela população campesina, o que fortalece a necessidade de pesquisas sobre a medicina popular e importância da sistematização desses conhecimentos à serem realizados pela ciência e nos meios urbanos economicamente favoráveis. A fitoterapia se apresenta como uma possibilidade de reconciliação do homem/mulher com a natureza, priorizando o bom funcionamento e fortalecimento do organismo, atuando como item de equilíbrio para as funções fisiológicas restaurando a imunidade, antes enfraquecida, além de promover a desintoxicação.

O investimento em pesquisas, advindos de recursos privados ou governamentais quanto às propriedades das plantas medicinais vem comprovando que os ramos da farmacobotânica, como a fitoterapia, pode oferecer soluções eficazes e mais viáveis economicamente no tratamento de diversas doenças.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) tem recomendado aos países membros, **especialmente** os do Terceiro Mundo, a ampliarem o "arsenal terapêutico para a saúde pública através do aproveitamento de práticas de medicina caseira empregadas pelo povo. "As plantas medicinais, se usadas com base em princípios científicos, podem ser a solução para algumas das dificuldades apresentadas no setor saúde, entre elas o alto custo dos medicamentos, já que são econômica e culturalmente viáveis à população em geral." A OMS ainda recomendou, na Conferência de Alma-Ata³, que os "recursos de medicina tradicional e popular fossem utilizados pelos sistemas nacionais de saúde" como possibilidades de melhorar a condição de saúde da população. (SENNÁ; SOARES; VAZ; SENA.; BAISCH; 2006/grifo meu)

Quando utilizamos elementos da cultura popular no uso medicinal estamos recorrendo a elementos culturais o que gera um conhecimento peculiar no que se refere ao uso popular de plantas medicinais, de maneira, que se agregado ao

conhecimento científico,⁵ pode estabelecer coexistência de usos medicinais das plantas no contexto sócio-cultural. (RICARDO; STOTZ, 2007)

A concepção de remédio nos dias atuais é extremamente importante devido à apreensão das tradições do uso de plantas medicinais. Normalmente os remédios caseiros desempenham funções curativas e não preventivas, sendo em muitas ocasiões eficazes e outras não. Por outro lado, os medicamentos disponíveis em farmácias não têm necessariamente plantas em suas formulações. Assim, as diversas práticas medicamentosas implicam na sistematização diferenciada dos saberes, cujas plantas medicinais com seus traços culturais se apresentam como recursos viáveis nas terapias alternativas. Nota-se que o conceito de saúde em muitas comunidades está "relacionado ao corpo e à capacidade de trabalho dos indivíduos." (SANTOS, 2000)⁶

Foi aliado ao desenvolvimento da tecnologia e o interesse de confirmar as propriedades terapêuticas das plantas, que o conhecimento da medicina popular passou aos poucos a ter seu valor reconhecido no meio científico.

Diante disso, persiste a preocupação com os profissionais que gerenciam a saúde da família, o que implica na necessidade de maiores esclarecimentos aos usuários: quanto a forma correta de preparo, armazenagem, resultando na obtenção de resultados satisfatórios.

Os modos de preparo das plantas são específicos e o reconhecimento da viabilidade do medicamento "exige que a ciência busque a unificação do progresso com aquilo que a natureza oferece, respeitando a cultura do povo em torno do uso

⁵ A enfermagem transcultural, proposta por Leininger, tem como problema o estudo comparativo e à análise de diferentes culturas quanto às práticas de cuidados referentes ao processo saúde-doença, já que segundo o autor, às crenças e valores dos sujeitos envolvidos nesse processo devem ser considerados. (SENNA; SOARES; VAZ; SENA; BAISCH, 2006)

⁶ No complexo Acre/Purus, a busca aos rezadores se dá mais pelo tipo de doença — as 'doenças do espírito' são, quase sempre, tratadas com rezas — ou como uma alternativa à ausência de serviços públicos de saúde. (SANTOS, 2000)

de produtos ou ervas medicinais para curar os males”. No que diz respeito ao uso de conhecimento das plantas medicinais, existem no Brasil, inúmeras "concepções, opiniões, valores, práticas e técnicas diferentes, que estão incorporadas no cotidiano, influenciadas por hábitos, tradições e costumes" (GUERRA; NETO; MARQUES; PESSOA; MARACAJÁ, 2007, p.2)

O processo que envolve a elaboração de um medicamento fitoterápico considera como fatores imprescindíveis elementos ligados desde a seleção da espécie da planta, o cultivo, até a consideração dos índices dos teores dos seus princípios ativos, para que assim, a manipulação possa de fato ocorrer.⁷ Muito embora a precariedade com que as plantas medicinais, bem como, os fitoterápicos vêm sendo manipulados e comercializados confirmam a necessidade de maiores rigores quanto a vigilância.

São vários os modos de preparo no processo de manipulação das plantas medicinais dentre eles citamos: o cataplasma, a contusão, a decoção, a inalação, a infusão, a filtração, a maceração, os sucos, os vinhos medicinais, as tinturas, as tisanas (nome genérico dado às soluções, macerações, infusões e decoções preparadas com plantas medicinais), a torrefação, o unguento e pomadas e o xarope). (SOSSAE, s/d)

Assim, diversos estudos tiveram como ênfase estabelecer um diálogo entre o uso de plantas medicinais e o cotidiano, presente nos saberes e valores das práticas populares de medicina alternativa.

⁷ Em estudos recentes que avaliavam a qualidade das amostras de camomila (*Matricaria recutita*) adquiridas em farmácias, ervarias e mercados, comprovaram que cerca de metade das amostras apresentaram um índice inferior aos óleos essenciais, necessários para atividade antiinflamatória da planta. As plantas podem ser classificadas por categorias, de acordo com sua ação sobre o organismo: estimulantes, calmantes, emolientes, fortificantes, de ação coagulante, diuréticas, sudoríferas, hipotensoras, de função reguladora intestinal, colagogas, depurativas, remieralizantes e reconstituintes (GUERRA, et al., 2007, p. 2-3)

Este processo dialógico nos possibilita pensar acerca dos conhecimentos não sistematizados e seus efeitos já que se fazem presentes nas práticas das populações.

Os efeitos das plantas são inúmeros variam entre: abortivo, absorvente, anticatarral, antiespasmódico, antiflatulento, antireumático, antitussígeno, carminativo, catártico, colagogo, colerético, diaforético, diurético, drástico, emenagogo, emético, emoliente, estomacal, estomáquico, febrífugo, galactotogogo, hermostático, laxante, mucolítico, obstipante, sudorífico. (SOSSAE, s/d)

As plantas medicinais vêm sendo consumidas com pouca ou quase nenhuma comprovação científica. Faltam rigores na avaliação e divulgação do uso e de suas práticas. Um olhar mais aguçado é necessário sobre a utilização farmacêutica, viabilidade econômica. A fitoterapia alia os elementos culturais como possibilidade terapêutica e a importância dos conhecimentos que se estendem desde aspectos tóxicos dos vegetais até suas capacidades folclóricas e etnobotânicas (FEITOSA, et al, 2011)

As tradições populares são um ponto importante nesta abordagem já que viabiliza encontros, permanências e rupturas culturais que se constituíram como saberes tradicionais (populares) e foram consolidadas ao longo do processo histórico de formação da população brasileira (RIBEIRO, 1995, p. 20 apud. SANTOS, 2000) A introdução de elementos culturais africanos, indígenas e europeus, inviabilizou um conhecimento único. O que notamos é que o conhecimento nativo foi aos poucos sendo validade e incorporado ao sincretismo cultural presente na formação social do Brasil. (SANTOS, 2000)

A fitoterapia como uma nova possibilidade terapêutica eficaz e viável economicamente exigiu uma reflexão por parte da política de saúde pública realizada no país. A promoção do uso racional das plantas medicinais e sua eficácia

para a saúde, juntamente, com a resignificação do uso do conhecimento popular, direcionou nossa discussão para questões que compreendam a fitoterapia como uma opção terapêutica, em um movimento que valoriza a cultura popular e propõe a utilização racional de plantas medicinais.⁸

3 CONSIDERAÇÕES

As escolhas de sistemas terapêuticos são incumbência do cidadão, e, muitas vezes envolvem convicções de natureza religiosa e dos sistemas de práticas medicinais vigentes, implicando na permissividade da opção racional, que em diversas ocasiões podem apresentar características sincréticas (PIRES, 1995, 150).

O processo de reconstrução, daquilo que vem sendo chamado de "práticas humanizadoras" de saúde, demonstram que profissionais, serviços, programas e políticas para essa área se encaminham para além do êxito técnico no cuidado em saúde (AYRES, 2007).

Os diversos saberes que envolvem as práticas medicinais, desde os profissionais aos usuários, trazem um desafio no que se refere à autonomia e responsabilidade entre os agentes das ações de saúde no que diz respeito ao uso de plantas medicinais. A indústria farmacêutica vem gerando modificações nos aspectos culturais quando o assunto está associado ao uso de plantas medicinais. Os medicamentos elaborados com base nas drogas vegetais podem ser entendidos como práticas terapêuticas alternativas, num processo que envolve a valorização dos usos terapêuticos, das várias espécies de plantas vegetais com fins medicinais.

⁸ O Programa Fitoterápico Farmácia Viva no SUS Betim – foi amparado na orientação da OMS (Organização Mundial da Saúde) sobre o uso das plantas medicinais em suas diversas formas terapêuticas, sendo que em 2002/3 a OMS consolidou sua *Estratégia de la OMS sobre Medicina Tradicional*. Já no Brasil, em Brasília, no ano de 2003, foi desenvolvido pelas diretrizes da atual Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares, desenvolvida pelo Ministério da Saúde, o relatório final da *I Conferência Nacional de Medicamentos e Assistência Farmacêutica*. (RICARDO; STOTZ, 2006).

As plantas medicinais se apresentam como espaços para estudos da etnobotânica, da farmacoboânica, da enfermagem, da química, dentre outros ramos da ciência. No entanto, a falta de acesso ao conhecimento no uso de plantas medicinais vem sendo combatido pelas possibilidades de utilização desse recurso alternativo da medicina. Esclarecer dúvidas é necessário para que a atividade de promoção à saúde possa existir de maneira a ser praticada pela população. (ARNOUS, SANTOS, BEINNER, 2005)

A promoção da saúde pública está relacionada ao acesso de informações sobre métodos alternativos. O conhecimento básico do profissional da saúde acerca das plantas medicinais e fitoterápicos é de fundamental importância, bem como, os costumes da população região como ponto crucial no processo de participação social na produção da *farmácia verde*. Contando com uma infinidade de espécies de plantas medicinais, e a possibilidade de custo-benefício, como a promoção da saúde da população são algumas das vantagens do uso de fitoterápicos. A participação da comunidade com conhecimentos, valores e práticas vivenciadas na preservação da cultura, principalmente, quando nos referimos a manutenção da cultura do uso das plantas medicinais e seus modos de fazer, marca o elo entre a etnociência e o saber cientificamente sistematizado.

Compreender a flora como um tipo de saber é valorizar a influência social da cultura das populações na elaboração dos saberes terapêuticos. Notamos que a utilização de plantas encontra-se com os costumes, ou seja, a cultura das populações, já que mesmo com um crescente número de adeptos à fitoterapia, ainda são freqüentes os usos decorrentes dos costumes tradicionais.⁹

⁹ A Organização Mundial de Saúde (OMS) calcula que 80% da população mundial utiliza remédios caseiros, e especula que mais de 70% dos medicamentos derivados de plantas valerem-se dos conhecimentos populares como fortes indícios de reais propriedades medicinais. Ainda de acordo com a OMS, 80% da população mundial usa recursos das medicinas populares para suprir necessidades de assistência médica privada, podendo girar aproximadamente 22 bilhões de dólares. (MACEDO; OSHIWA; GUARIDO, 2007)

Resignificar o uso popular das plantas, implica em estudos sobre as mesmas em diferentes culturas, com objetivo de valorização das práticas populares em saúde, bem como seus riscos e eficácias. A ocorrência do uso de plantas medicinais permite concluir que mesmo havendo um consumo considerável, ainda existe escassez e falta de informação, até mesmo na academia. Com a depreciação e a resistência ao antigo método, a utilização das plantas passou a ocorrer somente com ação comprovada, já que poderiam apresentar efeitos adversos, muito embora, a interação entre os medicamentos tenha reparado completamente tais concepções.

A influência cultural da utilização das plantas medicinais como terapia alternativa indica o papel social da população na prática do consumo de fitoterápicos, validando informações acumuladas durante séculos. Valorizar as experiências implica na necessidade de divulgar o uso dos fitomedicamentos, bem como o uso de plantas medicinais pela tradição e cultura, considerados pontos importantes na escolha do uso desse tratamento alternativo.

Referências

- ACOORSI, WR. **Medicina natural, um novo conceito**. A fórmula: guia de negócios, 2000 2(4):5.
- AYRES, José Ricardo C. M. **Uma concepção hermenêutica de saúde**. Revista Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 17 (1): 43-62, 2007
- AMOROZO, M. C. de M. **A abordagem etnobotânica de plantas medicinais**. In: **DI STASI, L. C. (org.) Plantas Medicinais: arte e ciência**. Um guia de estudo multidisciplinar. Ed. UNESP, 1996, p. 47-68.
- ARNOUS, A.H, SANTOS A.S, BEINNEIR, R.P.C. **Plantas medicinais e uso caseiro – conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário**. *Revista Espaço para a Saúde*, Londrina, 2005, v.6, n.2, p.1-6, jun. Disponível em: <<http://www.ccs.uel.br/espacoparasaude/v6n2/plantamedicinal.pdf>> e <<http://www.ccs.uel.br/espacoparasaude>>. Acesso dia: 22/05/2011.
- BARATA, G. 2003. **Farmácias vivas, medicina popular obtém reconhecimento científico**. *Cienc. Cult.* vol.55 no.1 São Paulo Jan./Mar. Brasil. **Agência Nacional de Vigilância Sanitária**. Resolução RDC nº 48, de 16 de março de 2004. Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos.
- BRANDÃO; FREIRE, N.; VIANNA-SOARES. **Fiscalização de fitoterápicos no estado de Minas Gerais. Avaliação de qualidade de amostras comerciais de camomila**. *Cadernos Saúde Pública* 1998; 14(3):613-6
- CORTEZ, Jacomosi. **Levantamento das plantas medicinais utilizadas na medicina popular de Umuarama, PR**. *Arq Ciencia Saude UNIPAR* 1999; 3(2):97-104. DI STASI, L.C. **Plantas Medicinais: Arte e Ciência. Um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo. Ed. UNESP. 230 p., 1996
- FEITOSA, C.M; MACHADO, M.F.A; SANTOS, F.J.B; RIBEIRO FILHO, J.P.S. **Avaliação e divulgação do correto uso de plantas medicinais com alunos do ensino médico do CEFET- PI**. Disponível em: < <http://www.abq.org.br/cbq/2007/trabalhos/6/6-128-315.htm>>. Acesso dia: 21/05/2011.
- FRANÇA, Inácia s. Xavier de; SOUZA, Jeová A. de; Baptista, Rosilene S.; BRITTO, Virgínia R. de Sousa. **Medicina Popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais**. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, 2008, mar./abr.; 61 (2): 201-8. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n2/a09v61n a09v61n2.pdf>>. Acesso dia: 20/05/2011.
- GUERRA, Antonia M. N. DE Moura; NETO, João R. da Cunha; MARQUES, Juliana V. de Assis D.; PESSOA, Marcos de F.; MARACAJÁ, Patrício B. **Plantas medicinais e hortaliças usadas para cura de doenças em residências da cidade de Mossoró – RN**. *Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável / Grupo Verde de Agricultura Alternativa (GVAA)*, jan./jul., 2007, v.2, n.1, p. 70-77. Disponível em: <<http://revista.gvaa.com.br>>. Acesso dia: 20/05/2011.
- Guimarães J, Medeiros JC, Vieira. **Programa fitoterápico farmácia viva no SUS-Betim, Minas Gerais**. *Divulgação em Saúde Pública para Debate*, 2006.
- HOBBSAWN, Eric J. e RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

- HOEHNE, F.C. **Plantas e Substâncias Tóxicas e Medicinais**. São Paulo. Ed. Graphicars. 1939.
- KENNETH JR, Rochel de Camargo. **A biomedicina**. Revista Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 15 (suplemento): 177-201, 2005.
- MACEDO; OSHIWA; GUARIDO. **Ocorrência do uso de plantas medicinais por moradores de um bairro do município de Marília -SP**. *Revista Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada*, 2007. v. 28, n. 1, p. 123-128.
- MACHADO, M.F.A.; **Avaliação e divulgação do correto uso de plantas medicinais com alunos do ensino médio do CEFET-PI**, 2006
- MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira 1999 **'Saúde e uso de plantas medicinais na cultura popular dos vales dos rios Acre e Purus'**. Relatório apresentado ao Seminário de Avaliação de Bolsistas PAP/1999. Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.
- PANIZZA, S. **Ensinando a cuidar da saúde com as plantas medicinais: Guia prático de remédios simples da natureza**. São Paulo (SP): Prestígio; 2005.
- Rocha JM. **Como se faz medicina popular**. Petrópolis: Vozes; 1985.
- RICARDO, L.M.; STOTZ, E.N. **Uso de Plantas Medicinais: o Sistema Único de Saúde e a autonomia dos saberes comuns**. Disponível em: <<http://voticsxs1.otics.org/trabalhosre mos/RE1047-3.pdf>>. Acesso dia: 23/05/2011.
- Rudder EAMC. **Guia compacto das plantas medicinais**. Editora Rideel. 2002; 478.
- Santos MG, Dias AGP, Martins MM. **Conhecimento e uso da medicina alternativa entre alunos e professores de 1ª grau**. *Revista Saúde Pública* 1995; 29(3):221-7.
- SANTOS, F. S. D. dos. **Tradições Populares de uso de plantas medicinais na Amazônia**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Vol VI (suplemento), set. 2000.
- SCHULZ, Volker et al. *Fitoterapia Racional*. 4ed. Berlim: Heidelberg 2001.
- SENNA, Janaína; SOARES, Maria C. F.; VAZ, Marta R. C.; SENA, Ângela; BAISCH, Ana L. M.; **Visão docente sobre plantas medicinais como um saber e sua utilização como medicamento**. *Revista de Enfermagem (UERJ)*, Rio de Janeiro, 2006, jan./abr.; 14(1): 196-201. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/vll4n2a07.pdf>>. Acesso dia: 20/05/2011.
- SIMÕES, M.O.; SCHENKEL, E.P; GOSMANN, G.; DE MELLO, J.C.P.; MENTZ, L.A.; PETROVICK, P.R. 2000. **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. Editora da Universidade UFSC. 2.ed. Porto Alegre/Florianópolis.
- PIRES, Fernando de Ávila. **Teoria e prática das práticas alternativas**. *Revista Saúde Pública*, 29 (2): 147-51, 1995.
- QUEIROZ, Marcos de. **O Paradigma mecanicista da medicina ocidental moderna: uma perspectiva antropológica**. *Revista Saúde Pública*, São Paulo, 20 (40): 309-17, 1986.
- QUEIROZ, Marcos de Sousa; CANESQUI, Na Maria. **Antropologia da medicina: uma revisão teórica**. *Revista Saúde Pública*. São Paulo, 20 (20): 152-64, 1986
- SIMÕES, M.O. SCHENKEL, E.P; GOSMANN, G.; DE MELLO, J.C.P. et al. 1998. **Plantas da medicina popular**, no Rio grande do Sul. Editora da Universidade UFRGS. 5.ed. Porto Alegre.

SIQUEIRA, Karina; BARBOSA; Maria Alves ; BRASIL, Vírginia ; OLIVEIRA, Lizete; ANDRAUS. **Crenças populares referentes à saúde: apropriação de saberes sócio-culturais.** Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072006000100008&script=sci_arttext>. Acesso dia: 20/08/2011.

SOSSAE, F.C. **Plantas medicinais.** Disponível: <<http://educar.sc.usp.br/biologia/prociencias/medicinas>>. Acesso: 13/07/2006.

XAVIER, Fabiana Arruda. **Práticas Integrativas e Populares de Saúde e a Formação Básica do (a) Enfermeiro (a).** São Carlos, UFSCAR, 2010. (Relatório)

Programa Fitoterápico Farmácia Viva no SUS- Betim. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Jaqueline%20Guimaraes%20ok.pdf>>. Acesso dia: 25/05/2011.

Fitoterapia. Disponível em: < http://www.farmaviva.com.br/ervas_explica.htm>. Acesso dia: 25/05/2011.

Plantas medicinais. Disponível em: <<http://educar.sc.usp.br/biologia/prociencias/medicinas>>. Acesso dia: 27/05/2011.

Histórico do uso de fitoterápicos. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/farmacia/artigos/10055/historico-do-uso-dos-fitoterapicos>>. Acesso dia 20/07/2011.